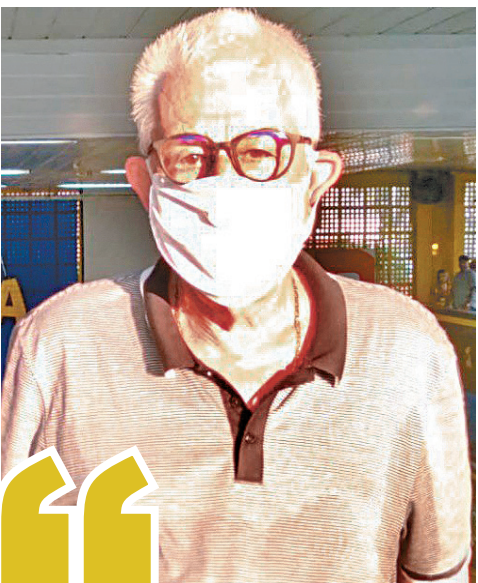




PAULO MÁRCIO



DIVULGAÇÃO

**Os nossos profissionais estão passando por dificuldades. E eu lamento muito querer ajudar e não poder”**

FERNANDO HORTA, presidente da U. da Tijuca

## U. da Tijuca e Portela: buscam uma saída

► “Não temos mais recursos. Buscamos parcerias para fornecer cestas básicas para nossos trabalhadores, mas sabemos que não é o suficiente”, lamenta Fernando Horta, presidente da Unidos da Tijuca. E conta ao jornal **O DIA** que a escola não tem só a despesa dos funcionários, manter toda infraestrutura demanda dinheiro, são contas de energia, telefone, de manutenção, entre outras. “A escola não vive só de Carnaval, são shows, espetáculos, eventos na quadra (que fica na Leopoldina), mas com a pandemia essas atividades foram suspensas e isso comprometeu muito nosso orçamento”, explica Horta.

“Os nossos profissionais estão passando por dificuldades. E eu lamento muito querer ajudar e não poder”, diz Horta. Segundo ele, é preciso garantir recursos para, pelo menos, os próximos três meses. “Foi prometida uma solução (na gestão anterior) para novembro, depois foi adiada para dezembro, e agora já estamos em fevereiro. Um mês para quem está com fome é muita coisa!”. A expectativa de Horta é que em 3 meses a pandemia dê um “refresco” e adverte: “Mas o povo não colabora”, se referindo aos protocolos de segurança sanitária que recomendam uso de máscara, álcool gel e distanciamento.

O presidente da Portela, Luís Carlos Magalhães, também chama atenção para as dificuldades que os trabalhadores da escola de samba estão enfrentando e diz que a agremiação vai buscar uma saída conjunta com o prefeito (Eduardo Paes), a Liesa, o governador do estado (Cláudio Castro) e o conjunto das escolas. “Estamos com barracões interditados e a pandemia impedindo eventos na quadra. Há muitos trabalhadores do Carnaval sem qualquer perspectiva”, diz Magalhães.



RAFAEL NASCIMENTO / AGÊNCIA O DIA

**Estamos com barracões interditados e a pandemia impedindo eventos na quadra. Há muitos trabalhadores do Carnaval sem qualquer perspectiva”**

LUÍS CARLOS MAGALHÃES, presidente da Portela

## União e força familiar para atravessar a crise

► O intérprete da Unidos da Tijuca, Wantuir Oliveira, 63 anos, morador do Centenário em Duque de Caxias, é um dos muitos trabalhadores que não conseguiu ter acesso ao auxílio emergencial do governo federal. “Não me explicaram nem o motivo de não terem liberado o auxílio”, diz.

Casado, pai de 2 filhos, um mora em Portugal, e avô de Arthur Neto, de 1 aninho e 7 meses, Wantuir conta ao **O DIA** que a esposa trabalha em casa fornecendo alimentação e que a filha, também cantora, está desempregada. As quentinhas têm garantido o básico para a família.

“Nos mobilizamos em entregar comida nas empresas e comércio. A minha esposa Rosilene cozinha com ajuda da minha filha Wictoria, que canta comigo na Tijuca, e eu entrego de carro”, explica.

Wantuir falou um pouco sobre sua trajetória. “Fui ferroviário durante 15 anos e tenho mais uns dez anos em outras empresas, larguei tudo por causa da música. Canto na Sapucaí desde 1987”, relembra.

Wantuir conta que levou o nome do Brasil várias vezes para o exterior. Ele esteve quatro anos na Paraíso School of Samba de Londres e fez viagens pelo Japão, levou o samba quatro anos seguidos para o Canadá, outros seis na França, Espanha, Portugal, Suíça, e nos Estados Unidos esteve umas 10 vezes. “Sempre tive uma vida tranquila, mas agora estamos vivendo este filme que nos trouxe muita dificuldades mas estamos sobrevivendo com muita luta e união familiar”, diz Wantuir.

### SOLIDARIEDADE

Alô Caxias!!!! Quem quiser dar uma força pro Wantuir é só pedir a quentinha que o Arthur chama de “Papa Dodo”, feita pela Rosilene com todo capricho. Se liguem na missão: os pedidos podem ser feitos nos telefones (21) 98235 2300 e 2654 6340.

### FILHO PEQUENO E DOAÇÕES

O cenário também está bastante di-



Phelipe Lemos, 1º mestre-sala da Unidos da Tijuca. Este é seu primeiro ano na escola



FOTOS DE RICARDO CASSIANO

Intérprete da Unidos da Tijuca Wantuir Oliveira com sua filha, Wictoria Tavares, que também canta na escola

fícil para Phelipe Lemos, de 31 anos, casado e com um filho de apenas 8 meses, é o 1º mestre-sala da Unidos da Tijuca, ele conta que a situação só não ficou pior porque conseguiu receber o auxílio-emergencial, que acabou no dia 31 de dezembro.

“Conseguir receber todas a parcelas do auxílio, o que me impediu de receber recursos da Lei Aldir Blanc”, explica Phelipe.

“Recebi muitas fraldas doadas de amigos e graças ao auxílio emergencial do governo conseguimos manter tudo

em ordem, com dificuldades mas conseguimos”, diz Phelipe.

Perguntado sobre ter o samba nas veias e este ano não ter Carnaval, Phelipe responde: “Difícil demais. Esse mês está sendo mais... Carnaval é a minha vida! Eu sempre sonhei em viver da minha arte de mestre sala, e em 2020 completei 10 desfiles como mestre-sala principal de uma escola do grupo especial, 10 anos vivendo apenas da renda do Carnaval. Estar nessa situação é triste, mas tenho fé que voltaremos a sambar e sorrir”, diz Phelipe.